

## Abordagens linguísticas de usos literários da linguagem

Maria Helena de Araújo CARREIRA  
(Universit  de Saint Denis - Paris VIII)

1. Os usos literários da linguagem suscitam um fascínio em linguistas que se interessam não são pela organiza o interna da língua, mas que procuram percorrer os diferentes est dios da produ o verbal e sua interpreta o – do conceptual ao linguístico e ao discursivo. Há com efeito, da parte do enunciador – autor, criador do texto literário, uma apropria o da língua conduzindo-o a explorar as possibilidades oferecidas até o seu mais alto grau, criando mundos fictivos e efeitos est ticos.

Lembremos algumas passagens da *Poética* de Aristóteles em que a linguagem ocupa o cerne da constru o do verosímil, semelhante a uma realidade fictiva partilhada, e dos efeitos est ticos daí decorrentes:

"As f bulas conhecidas pela tradi o não podem ser modificadas... mas o poeta deve conseguir inventar a partir daí algo de belo" (*Poética* 14, 1453 b, 22-25).

Ora, essa "inven o" manifesta-se pela linguagem. "Distância das palavras às coisas, do poema   realidade imaginária" comenta Anne Cauquelin (1990, p. 94)<sup>1</sup>.

O verosímil e o efeito de prazer est tico do poético dirigem-se a uma memória e a sentimentos partilhados por uma dada comunidade.

"O poeta conta antes de mais o geral, o historiador o particular" (*Poética* 9, 141b) diz Aristóteles. E mais adiante: "  necessário preferir o impossível verosímil ao possível inacreditável" (*Poética* 24, 1460 a 25). O irracional não   se verosímil: "Mostra-se que por vezes não   irracional, por ser verosímil que por vezes as coisas se passem contrariamente   verosimilhança" (*Poética* 25, 1461 a15).

Segundo a *Poética* de Aristóteles, a constru o do verosímil através da linguagem está associada ao princípio de prazer est tico, que caracteriza o poético. A reflexão aristotélica coloca claramente a controversa questão da "mimesis" que se situaria entre realidade verosímil e inven o.

Ora, a representa o de mundos verosímeis inclui t mbe m a recria o das entidades que povoam esses mundos com os seus comportamentos e os seus discursos.

As entidades e os seus comportamentos, designados qualitativa e quantitativamente, são ancorados num *hic et nunc* fictivo donde irrompe a enuncia o discursiva.

O discurso das entidades, no caso que nos ocupa, personagens de textos literários de extensão variável, surge assim ora sugerido, filtrado por outras fontes enunciativas (narrador, personagens diversas), ora sem essa media o.

2. As questões evocadas remetem para fen menos linguísticos que t mbe m os usos não literários da linguagem partilham:

- a designa o, enquanto atribui o dum signo a um referente (seja ele real ou imaginário, concreto ou abstracto);
- a qualifica o e a quantifica o subsequentes remetendo para categorias de determina o e seus graus;
- a localiza o espacial, temporal, nocional, com modaliza es diversas;

- a enunciação, enquanto apropriação da língua, sistema semiótico por excelência, pelo EU, sujeito da enunciação, fonte enunciativa do discurso enunciado;
- o distanciamento da fonte enunciativa e os diferentes graus de assumpção do enunciado;
- a mediação discursiva, revestindo diferentes formas (por exemplo, o discurso directo introduzido por verbos declarativos, o discurso indirecto livre), podendo mesmo essa mediação ser dissimulada; as diferentes "vozes" que se manifestam...
- a interlocução e as realizações discursivas produzidas em interacção, suscitando representações, sentimentos e emoções, regulando relações comunicativas, modulando orientações argumentativas, visando alvos.

Embora a amplitude e a complexidade dos fenómenos enunciados não permitam o seu desenvolvimento no presente estudo, a sua articulação parece-me fundamental para uma reflexão sobre as relações possíveis entre estudos linguísticos e estudos literários.

Na sua obra programática *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Maria Emília Ricardo Marques<sup>2</sup>, perspectivando a sua reflexão para uma didáctica do português e de línguas estrangeiras, integradora de "práticas discursivas de tipos vários [...], objecto de percursos ricos, quer do ponto de vista cognitivo, quer afectivo e social" (p. 330), introduz no patamar mais elevado do seu modelo didáctico, a língua literária, que inclui em "línguas com fins específicos", e "o conseqüente desenvolvimento de mecanismos discursivos complexos" (*ibid.*).

Prosseguirei assim perscrutando usos literários que, partilhando um código e fenómenos linguísticos com outros usos da linguagem, sobressaem pela mestria com que são utilizadas as possibilidades oferecidas, criando o prazer estético e o desprendimento do particular que, segundo Aristóteles, caracteriza o poético.

"Os grandes criadores da língua" – escreveu Eugenio Coseriu – "rompem conscientemente com a norma... e, sobretudo, utilizam e realizam no mais alto grau as possibilidades do sistema: não é um paradoxo, nem uma frase feita dizer que um grande poeta "utilizou todas as possibilidades que lhe oferecia a língua"<sup>3</sup>. É pois o alto grau de criatividade na apropriação da língua que convém aqui destacar.

**2.1.** À designação banal, imediata ou ortonímica o enunciador prefere com frequência a designação mediata, metafórica, metonímica, podendo prolongar-se por "circuitos discursivos abertos" (B. Pottier) de dimensão variável. Seguindo a proposta de B. Pottier, podemos sintetizar dizendo que o eixo onímico (da designação) vai da ortonímia à peronímia (ver B. Pottier, 1992, p. 123)<sup>4</sup>. O leque de possibilidades de designação é, pois, vasto e partilhado por todos os usos da linguagem.

Que será então específico de "usos literários da linguagem"? A poeticidade e a criação de mundos fictivos, certamente, mas, como magistralmente o demonstrou Roman Jakobson, nenhuma das funções da linguagem, nem mesmo a poética, se confunde com os usos literários. Citando Jakobson e traduzindo "A função poética não é a única função da arte da linguagem, é apenas a função dominante, determinante, enquanto nas outras actividades verbais não desempenha senão um papel subsidiário, acessório" (p. 128)<sup>5</sup>.

Interrogando-se sobre a fronteira entre prosa e poesia, Maria Emília Ricardo Marques (1996, p. 35) cita José Gomes Ferreira em *A memória das palavras*. Retome-se aqui a parte final dessa citação: "Sim, porque a Beleza é essa milagre de superfície em que as coisas complicadas, feias, profundas, sangrentas, se abrem, de repente, em melodia de pele doce."

As configurações singulares resultantes da escolha de signos, com uma atenção particular para os significantes, renovam a relação entre os signos e os referentes. Esta será, com efeito, uma característica dominante dos usos literários da linguagem.

As escolhas de designação e as combinatórias daí decorrentes, criam associações inesperadas através de jogos do significante e do significado ou unicamente através de redes evocadoras de sentido.

Significante, significado, combinatória, são pois a matéria-prima com a qual os criadores da linguagem criam sentido e poeticidade.

As criações de Mia Couto, muito em particular os vocábulos-mala que encontramos com frequência nos seus textos, poderão fornecer-nos algumas ilustrações de designações inesperadas.

Em "Viajante Clandestino"<sup>6</sup>, a designação ARVIÃO, atribuída a um menino é corrigida pela mãe: "Não é arvião. Diz-se avião" (p. 21). O autor-narrador comenta logo a seguir "O menino estranhou a emenda de sua mãe. Não mencionava ele uma criatura do ar?" (p. 21).

E as criações do menino prosseguem:

" – Mãe: avioneta é a neta do avião? (p. 21)

" – Quando for grande quero ser passaporteiro (p. 22)

" – Vou estudar para migraceiro" (p. 22)

A associação metonímica remotivadora, avião = ar + avião, a remotivação dos constituintes dos signos existentes (avioneta = neta do avião), a criação de novas palavras seguindo regras correntes de morfologia lexical (passaporte servindo de base lexical ao sufixo de designação de profissão "eiro" ! "passaporteiro", isto é, controlador de passaportes, migração servindo de base a "migraceiro" definido no texto como "o que autoriza a subida aos céus") estão na base de algumas formações inesperadas.

O comentário do autor-narrador de "Viajante Clandestino" fornece-nos uma chave interpretativa para estas criações: "a criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimónio entre as coisas e os nomes. Outros a elas se parecem, à vida sempre recém-chegando. São os homens em estado de poesia, essa infância autorizada pelo brilho da palavra" (p. 21).

A nova ligação – a ligação renovada, recriada – da língua ao mundo referencial (esse "outro matrimónio entre as coisas e os nomes") é-nos aqui sugerida pela poeticidade do "brilho da palavra".

Também a obra literária de Almada Negreiros nos fornece numerosos exemplos de designações inesperadas que sintetizam qualificações de entidades e de comportamentos. Por exemplo em *Contos e Novelas*<sup>7</sup>:

"deltas-carimbo de Nilo" (p. 22)

"brilho feminino resignadamente cárcere" (p. 29).

O que poderíamos reformular de maneira analítica:

- carimbo que tem a forma do delta do Nilo

- brilho que se pode comparar com as brilhantes qualidades de alguém, de sexo feminino, encarcerado com resignação.

É como um agregado de sentido que estas soluções onímicamente, que designam qualificando, são apresentadas. Note-se que a interpretação sugerida reúne, num núcleo de designação, elementos de sentido díspares, aqui agregados.

**2.2.** As associações inesperadas de sentido são, com efeito, frequentes em textos literários. As ancoragens linguísticas são variadas. Evoque-se a título de exemplo dos jogos do significante e suas evocações semânticas a obra de Almeida Faria.

As aliterações, as rimas, o ritmo, afiguram-se como uma constante na escrita deste autor. Os jogos de sonoridade estabelecem correspondências com jogos semânticos. As aproximações de significantes sugerem aproximações inesperadas de significados, como a passagem seguinte de *Cortes*<sup>8</sup> o ilustra: "Malta tresmalhada em apatia, em desespero sufocada, resignação desconsolada, cansada de outroras glórias exageradas agora pela memória, desgraçada, fácil de contentar a postas de bacalhau, apostas de totoloto, lotaria que anda amanhã à roda, frouxa malta, de genica falta, de energia fraca, molengona fantasia e imaginação que mais não dão senão contar piadas, inventar anedotas, amargas, alarves, palavreado político, calúnia, vigarice" (p. 189).

A longa sequência de sintagmas nominais, entrecortados de duas proposições relativas oferece-nos uma boa ilustração dos jogos de sonoridades e das aproximações semânticas inesperadas daí decorrentes. Na primeira parte, antes da proposição relativa, a rima em -ada aproxima os qualificadores "tresmalhada", "sufocada", "desconsolada", "cansada", "exagerada", "desgraçada" que se aplicam ao suporte "a malta", fundindo-se o aporte qualitativo nesse suporte. A aliteração da fricativa surda [f] aproxima as lexias "frouxa", "falta", "fraca"; "fantasia" em combinatórias axiologicamente negativas cujo suporte é, como no exemplo anterior, "malta".

Fenómenos de designação, qualificação e modalização encontram-se assim entrelaçados, criando mundos verosímeis, evocando poeticidade.

**2.3.** Uma ilustração bem distinta deste entrelaçamento de fenómenos pode encontrar-se no conto "Destinos" de Miguel Torga<sup>9</sup>. A designação em suspenso do "dizer" do rapaz e do de sua mãe, que o quer conduzir a vencer a sua impotência em declarar o seu amor a Natália (que ele ama e que o ama), sem no entanto ferir a sensibilidade do filho, desenvolve-se num diálogo carregado de modalizações sugeridas. A ausência de determinante expresse, bem como a ausência do sujeito, de complemento, os jogos modais que a morfologia verbal do português permite, o modo de encadeamento de perguntas e respostas, a suspensão dos enunciados, são alguns dos processos explorados em "Destinos" por Miguel Torga<sup>10</sup>.

Índices linguísticos pouco determinados, lacunares, abrem perspectivas interpretativas para o leitor, mas também para a própria construção do texto literário.

Evoque-se a este propósito o conto "Objectos" da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles<sup>11</sup>. A banalidade das designações concretas é percorrida por conteúdos implícitos, conduzindo a escolhas lexicais que, por sua vez, permitem a criação de redes inesperadas de sentido.

O exemplo do objecto "pisa-papéis" designado "globo de vidro" ilustra essas associações textuais fundadas no carácter lacunar do dito.

"Finalmente pousou o olhar no globo de vidro e estendeu a mão. Parece uma bolha de sabão, mas sem aquele colorido de bolha reflectindo a janela, tinha sempre uma janela nas bolhas que eu soprava. O melhor canudo era o de mamoeiro. Você também não brincava com bolhas? Heim, Lorena?" (p.11).

Os semas /TRANSPARÊNCIA/, /ESFERICIDADE/, /COR/, /ABERTURA/ permitem a cadeia associativa das designações

globo de vidro → bolha de sabão → janela → bolhas [de sabão] → canudo de mamoeiro  
→ [brincar com] bolhas

e estabelecem a passagem possível para o mundo partilhado da infância.

**2.4.** A partilha de vozes, a recriação duma oralidade colectivamente vivida, encontram-na em *Ora Esguardae* de Olga Gonçalves<sup>12</sup>, através de processos muito variados inspirados no funcionamento da língua oral. A fusão de vozes, o encadeamento de perguntas e respostas, o comentário a discursos relatados, a encenação do dizer (através, por exemplo, de verbos *dicendi*, de descrições de atitudes), as construções de insistência, o jogo de registos de língua, suportes gráficos variados, banais e inesperados, eis alguns dos processos trabalhados pela autora de modo a recriar a interlocução desligando-a do particular e transpondo-a para um universo de ficção evocador de vivências, de memórias e de sentimentos partilhados por uma comunidade.

**3.** Na sequência das reflexões e das perspectivas de análise aqui esboçadas, concluirei por uma defesa de confluências de estudos linguísticos e de estudos literários, evocando "o brilho da palavra" de Mia Couto, a palavra como "como um traço de sonho" de José Cardoso Pires, retomando as palavras proferidas há quase meio século por Roman Jakobson: "Cada um de nós aqui, no entanto, compreendeu definitivamente que um linguista surdo à função poética, como um especialista da literatura indiferente aos problemas e ignorando métodos linguísticos são desde agora, um e outro, flagrantes anacronismos"<sup>13</sup>, e associando-me a Maria Emília Ricardo Marques na sua defesa por "um ensino que flexibilize discurso e pensamento" (*id.*, p. 35), que contribua para uma educação plena e criativa do ser humano.

## Notas

- <sup>1</sup> Anne Cauquelin, *Aristote. Le langage*, Paris, P.U.F., col. Philosophies, 1990.
- <sup>2</sup> Maria Emília Ricardo Marques, *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.
- <sup>3</sup> Eugenio Coseriu, *Teoria del Lenguaje y Lingüística general*, Madrid, Gredos, 1962 (p. 100) (a tradução é nossa).
- <sup>4</sup> Bernard Pottier, *Sémantique Générale*, Paris, P.U.F., col. Linguistique Nouvelle, 1992.
- <sup>5</sup> Roman Jakobson, "Linguistique et Poétique" in *Essais de Linguistique Générale*, Paris, Éditions de Minuit, 1963 (pp. 209-248).
- <sup>6</sup> Mia Couto, *Cronicando*, Lisboa, Caminho, 1991 (pp. 21-23).
- <sup>7</sup> Almada Negreiros, *Contos e Novelas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca de Autores Portugueses, 1993.
- <sup>8</sup> Almeida Faria, *Cortes*, Lisboa, Caminho, 1986 (3ª ed. revista; 1ª ed. 1978).
- <sup>9</sup> Miguel Torga, *Novos Contos da Montanha*, Coimbra, Edição do Autor, 1944/1991 (15ª edição).
- <sup>10</sup> Para a análise destes processos, ver M. H. Araújo Carreira, "Formes et fonctions de l'atténuation dans la gestion thématique en interlocution", *Actes du XXII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Bruxelles, 1998. Vol. VII. Sens et fonctions. Travaux de la section "Sémantique et Pragmatique"*, (pp. 25-30). Tübingen: Niemeyer. Estudo também publicado em M. H. Araújo Carreira, *Semântica e Discurso. Estudos de Linguística Portuguesa e Comparada (Português/Francês)*, Porto, Porto Editora, col. Linguística, 2001 (pp. 246-253).
- <sup>11</sup> Lydia Fagundes Telles, *Antes do baile verde*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1970/1986 (9ª edição).
- <sup>12</sup> Olga Gonçalves, *Ora Esguardae*, Lisboa, Caminho, 1982/1989 (3ª edição).
- Ver M. H. Araújo Carreira, "La récréation de l'oral dans l'écrit: *Ora Esguardae* de Olga Gonçalves", in *Cahiers du CREPAL, 7*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle (pp. 41-51). Estudo também publicado em M. H. Araújo Carreira, *Semântica e Discurso. Estudos de Linguística Portuguesa e Comparada (Português/Francês)*, Porto, Porto Editora, col. Linguística, 2001 (pp. 220-228).
- <sup>13</sup> Roman Jakobson "Linguistique et poétique" in *Essais de linguistique générale*, p. 248. Conferência pronunciada na Universidade de Indiana (Estados Unidos), publicada pela primeira vez sob o título "Closing statements: Linguistics and Poetics", in T.A. Sebeok (Ed.), *Style in Language*, New York, 1960.